

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM

CARLA FERNANDA BARRIS

EM TELA, MEMÓRIA E INFÂNCIA: AS POESIAS DE MANUEL BANDEIRA



Manuel Bandeira

MARINGÁ

2010

CARLA FERNANDA BARRIS

EM TELA, MEMÓRIA E INFÂNCIA: AS POESIAS DE MANUEL BANDEIRA

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Teoria e Prática.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivana Guilherme Simili

MARINGÁ

2010

CARLA FERNANDA BARRIS

EM TELA, MEMÓRIA E INFÂNCIA: AS POESIAS DE MANUEL BANDEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Fundamentos da Educação.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr.^a Ivana Guilherme Simili
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a Patrícia Lessa
(Universidade Estadual de Maringá)

Prof^a. Dr^a Ivana Veraldo
(Universidade Estadual de Maringá)

Maringá, 26 de setembro de 2010.

EM TELA, MEMÓRIA E INFÂNCIA: AS POESIAS DE MANUEL BANDEIRA

Resumo: O artigo tem como objetivo analisar a infância na poesia de Manuel Bandeira. Focalizamos apenas as poesias que tratam das lembranças da infância de Bandeira, para refletir sobre o papel das experiências do menino através das memórias narradas na produção de seus textos. Portanto, concebemos as poesias como textos memorialísticos que permitiam conhecer aspectos da trajetória de um poeta, numa de suas etapas: a infância.

Palavras-chave: Poesias. Infância. Memórias. Manuel Bandeira.

Introdução:

Ultimamente, um dos campos que vem ganhando destaque no âmbito da produção de conhecimentos é o estudo baseado nas memórias e nas biografias. E por que esses trabalhos fascinam? Fascinam porque cada vida é única, indivisível, irrepetível. Entre os focos de análise para o assunto insere-se a proposta de Carino (1999). Para o autor as biografias e as memórias têm uma “instrumentalidade educativa”, ou seja, através das narrativas de vida de um sujeito podemos extrair ensinamentos que podem se constituir numa “pedagogia do exemplo”.

Este trabalho tem por fios condutores esses assuntos: “biografia e pedagogia do exemplo”. Analisamos as poesias de Manuel Bandeira que tratam da infância, concebendo-as trabalhos de memória do poeta acerca das experiências vivenciadas por ele, quando menino.

Ao analisarmos as poesias de Bandeira, estamos pressupondo que elas trazem ensinamentos importantes que podem se constituir em exemplos para as crianças acerca de como usar os conhecimentos e experiências proporcionadas pela vida, para a produção de poesias.

Acreditamos que o conhecimento proporcionando leitura e análise das poesias de Bandeira, pode ser levado para as práticas pedagógicas da educação infantil, para mostrar e ensinar às crianças como do que é feita a poesia e onde ela está: na vida, nas experiências e nos olhares depositados sobre o mundo!

Quem foi Manuel Bandeira?

Muitas são as descrições para Manuel Bandeira. Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho, filho de Manuel Carneiro de Souza Bandeira e Francelina Ribeiro de Souza

Bandeira, nasceu em Recife, em dia 19 de abril de 1886. Em 1890 a família se transferiu para o Rio de Janeiro e a seguir para Santos – SP.

Em 1896, portanto, quando Bandeira tinha seis anos, a família voltou a morar no Rio de Janeiro. Bandeira cursou o Externato do Ginásio Nacional (atual Colégio Pedro II) e teve como professores Silva Ramos, Carlos França, José Veríssimo e João Ribeiro. Entre seus colegas estão Sousa da Silveira e Antenor Nascentes. Aos 14 anos, a família Bandeira mudou-se novamente, desta vez para São Paulo. Manuel matriculou-se na Escola Politécnica, para tornar-se arquiteto. No período, estuda também, à noite, desenho e pintura com o arquiteto Domenico Rossi no Liceu de Artes e Ofício e passou a trabalhar nos escritórios da Estrada de Ferro Sorocabana, da qual seu pai era funcionário.

No final do ano de 1904, Manuel fica sabendo que está com a saúde debilitada. Trata-se de uma tuberculose. Abandona suas atividades em São Paulo e vai morar no Rio de Janeiro, para tratar da doença.

No Rio, em 1910, aos 20 anos, Manuel Bandeira participa de concurso de poesia da Academia Brasileira de Letras. Não foi premiado. Em 1912, sob a influência de Apollinaire, Charles Cros e Mac-Fionna Leod, escreve seus primeiros versos livres.

Ainda doente, segue em 1913 para a Suíça, em busca de tratamento da tuberculose. Em 1914, a primeira Guerra Mundial, traz Manuel Bandeira de volta para o Brasil. Durante sua permanência na Suíça, exercita a língua alemã lendo Goethe, Lenau e Heine.

1916 foi marcado pela morte da mãe, Francelina; 1918, pela morte da irmã, Maria Cândida. Em 1917, publica seu primeiro livro: *A cinza das horas*, numa edição de 200 exemplares custeada pelo autor, o qual recebe de João Ribeiro um texto elogioso. Em 1919, publica seu segundo livro, *Carnaval*, o qual é custeado por ele. João Ribeiro elogia também este livro que desperta entusiasmo entre os paulistas iniciadores do modernismo.

Um ano depois, em 1920, somam-se às mortes, a de Manuel Carneiro, o pai do poeta. Em 1921, numa reunião na casa de Ronald de Carvalho, em Copacabana, Bandeira conhece Mário de Andrade. Estavam presentes, entre outros, Oswald de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Osvaldo Orico. Em 1922, inicia contatos por correspondências (cartas), com Mário de Andrade. Bandeira não participa da Semana de Arte Moderna, realizada em fevereiro em São Paulo, no Teatro Municipal. Na ocasião, porém, Ronald de Carvalho lê o poema "*Os Sapos*", de "*Carnaval*". Meses depois Bandeira vai a São Paulo e conhece Paulo Prado, Couto de Barros, Tácito de Almeida, Menotti del Picchia, Luís Aranha, Rubens Borba de Moraes, Yan de Almeida Prado. No Rio de Janeiro, passa a conviver com Jaime Ovalle, Rodrigo Melo Franco de Andrade, Prudente de Moraes, Dante Milano. Colabora em *Klaxon*, que foi uma

revista mensal de arte moderna que circulou em São Paulo de 15 de maio de 1922 a janeiro de 1923. Ainda nesse ano morre seu irmão, Antônio Ribeiro de Souza Bandeira.

Em 1924 publica, *Poesias*, que reúne *A Cinza das Horas*, *Carnaval* e um novo livro, *O Ritmo Dissoluto*. Colabora no "*Mês Modernista*", com uma série de trabalhos de modernistas publicados pelo jornal *A Noite*, em 1925. Escreve crítica musical para a revista *A Idéia Ilustrada*. Escreve também sobre música para *Ariel*, de São Paulo.

Em 1926 viaja para Pouso Alto, Minas Gerais, onde na casa de Ribeiro Couto conhece Carlos Drummond de Andrade. Inicia uma colaboração semanal de crônicas no *Diário Nacional*, de São Paulo, e em *A Província*, de Recife, dirigido por Gilberto Freyre. Colabora na *Revista de Antropofagia*.

1930 é o ano da publicação de *Libertinagem*, em edição custeada pelo autor. Em 1935 é nomeado pelo Ministro Gustavo Capanema, inspetor de ensino secundário. Portanto, passa a atuar no setor da educação do governo Vargas.

No ano de 1936, grandes comemorações marcam os cinquenta anos do poeta, entre as quais a publicação de *Homenagem a Manuel Bandeira*, livro com poemas, estudos críticos e comentários, de autoria dos principais escritores brasileiros. Bandeira publica *Estrela da Manhã* (com papel presenteado por Luís Camilo de Oliveira Neto e contribuição de subscritores) e *Crônicas da Província do Brasil*.

Em 1937, recebeu o prêmio da Sociedade Filipe de Oliveira por conjunto de obra e publica *Poesias Escolhidas* e *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Romântica*. No ano seguinte é nomeado professor de literatura do Colégio Pedro II e membro do Conselho Consultivo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Publica *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana* e *Guia de Ouro Preto*. É eleito para a Academia Brasileira de Letras, no ano de 1940, ocupando a vaga de Luís Guimarães Filho. Toma posse em 30 de novembro, sendo saudado por Ribeiro Couto. Publica *Poesias Completas*, com a inclusão da *Lira dos Cinquent'Anos* (também esta edição foi custeada pelo autor). Publica ainda *Noções de História das Literaturas* e, em separata da *Revista do Brasil*, *A Autoria das Cartas Chilenas*.

Ao trabalho de escrita, soma-se, em 1941, o de crítico de artes plásticas, por meio da produção de textos publicados no jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro. Em 1942 é nomeado membro da Sociedade Filipe de Oliveira. Nesta época o poeta passou a organizar a edição dos *Sonetos Completos e Poemas Escolhidos* de Antero de Quental. Nomeado professor de literatura hispano-americana da Faculdade Nacional de Filosofia, em 1943, deixou o Colégio Pedro II. Publica *Obras Poéticas de Gonçalves Dias*, edição crítica e comentada. No ano

seguinte publica *Poemas Traduzidos*, com ilustrações de Guignard. Em 1946, publica *Apresentação da Poesia Brasileira e Antologia dos Poetas Brasileiros Bissexto Contemporâneos*. No ano de 1948 são reeditados três de seus livros: *Poesias Completas*, com acréscimo de *Belo Belo*; *Poesias Escolhidas* e *Poemas Traduzidos*. Publica *Mafuá do Malungo* (impresso em Barcelona por João Cabral de Melo Neto) e organiza uma edição crítica das *Rimas* de João Albano. No ano seguinte publica *Literatura Hispano-Americana* e traduz *O Auto Sacramental do Divino Narciso* de Sórora Juana Inés de la Cruz.

Candidata-se a deputado pelo Partido Socialista Brasileiro, em 1950, e não é eleito. No ano seguinte publica *Opus 10* e a biografia de *Gonçalves Dias*. No ano de 1954 publica *Itinerário de Pasárgada* e *De Poetas e de Poesia*. Faz conferência no Teatro Municipal do Rio de Janeiro sobre Mário de Andrade. Publica *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*, em 1955. Traduz *Maria Stuart*, de Schiller, encenado no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em junho, inicia colaboração como cronista no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, e na *Folha da Manhã*, de São Paulo. Faz conferência sobre Francisco Mignone no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Manuel Bandeira também foi tradutor. Traduz *Macbeth*, de Shakespeare, e *La Machine Infernale*, de Jean Cocteau, Sean O'Casey, N. Richard Nash, Thornton Wilder, Zorrilla, Frédéric Mistral, Bertold Brecht, Antonio Gala, John Ford, J.N. Descalzo, Frei Gabriel Cacho, entre outros. Inclusive, em 1962 traduziu o poema *Prometeu e Epimeteu* de Carl Spitteler. Teve uma de suas obras traduzida e publicada na França: *Poèmes*, antologia de poemas de Manuel Bandeira, em tradução de Luís Aníbal Falcão, F. H. Blank-Simon e do próprio autor.

Escreveu, até 1961, crônicas bissetimais para o *Jornal do Brasil* e a *Folha de São Paulo*. Em 1958, publica *Gonçalves Dias*, na coleção "Nossos Clássicos" da Editora Agir. Publicada pela editora Aguilar, sai em dois volumes sua obra completa: "Poesia e Prosa". A Sociedade dos Cem Bibliófilos publica *Pasárgada*, volume de poemas escolhidos, com ilustrações de Aldemir Martins. Pela Editora Dinamene, da Bahia, saem em edição artesanal *Estrela da Tarde* e uma seleção de poemas de amor intitulada *Alumbramentos*. Escreveu, também, crônicas semanais para o programa "Quadrante" da Rádio Ministério da Educação. Escreveu crônicas para o programa "Vozes da Cidade" da Rádio Roquette-Pinto, algumas das quais lidas por ele próprio, com o título "Grandes Poetas do Brasil".

Em 1966, entre as comemorações para os 80 anos do poeta, houve o lançamento dos volumes *Estrela da Vida Inteira* (poesias completas e traduções de poesia) e *Andorinha Andorinha* (seleção de textos em prosa, organizada por Carlos Drummond de Andrade), ambos, pela Editora José Olympio. Bandeira morreu dois anos depois, aos 82 anos, no dia 13 de outubro de 1968. Foi sepultado no Mausoléu da Academia Brasileira de Letras, no Cemitério São João Batista.

Embora esse relato biográfico tenha sido escrito com base na cronologia de uma vida, ele não deixa dúvida sobre a riqueza de uma trajetória, das vivências e experiências que pontuaram o seu percurso, as quais, sem dúvida alguma, se refletiram em suas poesias. Entre as memórias proporcionadas pela vida, está a da infância, sob a forma de lembranças de fases de sua vida, as quais foram rememoradas “poeticamente” em alguns momentos de seu percurso.

Infância e os trabalhos da memória na poesia

Abordar as memórias da infância de um poeta é preciso considerar que, segundo Postman (1999), o conceito de infância é muito recente, passando por vários processos de transformações até chegar ao modo como a conhecemos hoje. De acordo com o autor, antes do século XVII as crianças eram consideradas e representadas como um mini-adulto. As vestimentas e os comportamentos das crianças e dos adultos eram os mesmos. O reconhecimento da infância, ocorrido entre fins do século XVI e durante o século XVII, partiu da consideração das etapas da vida para os sujeitos, com distinções e necessidades específicas.

Para Neil Postman (1999), a criança se tornou objeto de respeito de outra natureza e com outras necessidades, que precisava estar separada do mundo adulto. Passou-se a defender que as crianças dependiam de outras necessidades e que para serem consideradas adultas precisavam aprender a ler e a escrever. A imagem da criança foi construída com base em idéias e representações que a definiam com roupas, comportamentos e conhecimentos “próprios às idades e aos sexos”, os quais se refletiram em suas maneiras de se comportar, de se relacionar com o mundo, de brincar, vestir-se e falar e, por conseguinte, por uma maneira de recordar essa fase da vida. Estas mudanças se fizeram acompanhar pelo surgimento de noções de vínculos e sentimentos entre pais, mães e filhos (as), pela preocupação com a saúde das crianças e pelo medo de perdê-los para a morte.

Cada nação tentou entender e integrar a infância, conforme o cenário econômico, religioso e intelectual. Nos países onde a alfabetização foi mais valorizada, houve um desenvolvimento maior do conceito de infância. Com o crescimento de grandes cidades industriais no final do século XVII e com o capitalismo industrial, com essa nova organização social, a infância, também se refletiu na produção das diferenças entre os sexos.

Postman (1999) abordou esse aspecto, ao mencionar que os meninos tiveram a infância reconhecida primeiramente em razão da necessidade de condicioná-los aos trabalhos rotineiros nas fábricas. Entre os meninos pobres e burgueses as diferenças eram nítidas. Durante o século XVIII e parte do século XIX as crianças pobres não freqüentavam a escola, não deixaram de se vestir como adultos e não abandonaram o trabalho que as explorava, tornando-se a mão-de-obra barata que ocupavam as fábricas. Enquanto os meninos oriundos das camadas burguesas tinham maior privilégio ao ensino formal, as meninas pobres e da elite, continuavam com a imagem de mulheres adultas e os conhecimentos tidos como apropriados aos segmentos femininos, visavam transformá-las em esposas e mães.

As escolas tinham como objetivo formar indivíduos instruídos que passaram vistos como adulto em formação. Isso era importante, pois estaria sendo formado um novo modelo de indivíduo em instrução, para que cresça de modo a ir modificando o espaço em que vive na sociedade.

Nesta mesma sociedade e a partir do século XVII – o Iluminismo, como é chamado no clima intelectual – ajudou a nutrir e a divulgar a idéia de infância (POSTMAN, 1999). Houve uma expansão à investigação da infância. Na época surgem obras literárias e científicas que ajudam no estudo do conhecimento da criança, como por exemplo, o “Pensamento sobre Educação”, de Locke, publicado em 1693.

Daquele momento e contexto em diante, vários trabalhos são publicados sobre o assunto “infância”, tanto no âmbito científico, como literário. Nas poesias de Bandeira, de diferentes modos, as experiências vivenciadas na infância são transformadas em substâncias para suas poesias. Infância retratada pelo autor é produto de uma outra obra, a da memória, isto porque ele produz fragmentos poéticos nos quais é possível perceber e identificar os momentos vivenciados por ele durante uma etapa da vida, a qual recebe a denominação de infância.

Deste modo, Bandeira nos mostra o que era ser criança na época, o que era ser menino no Brasil, no período em que viveu a sua infância – no final do século XIX e início do XX. Vale lembrar que ele nasceu em 1886, que em 1896, aos 6 anos, foi morar no Rio de Janeiro, fatos que marcaram a trajetória do poeta e que se refletiriam em seu percurso e em sua produção literária e poética.

Poesias como obras de memórias da infância

O estudo das poesias de Bandeira, como obras da memória, parte do princípio da capacidade humana de recuperar as coisas vividas e as potencialidades do imaginário de verbalizar as cenas e os fatos vivenciados:

O indivíduo que lembra, nas memórias escritas, é um controlador da autoria, da estruturação dos fatos, mas é muito mais um manipulador da função estética, dramática e lírica de todas as suas lembranças, em torno do desdobramento do sujeito que viveu, agora, seu personagem. O autor-escritor-narrador passa a ser muito mais o sujeito do verbo das lembranças [...], passa a ser objeto direto ou indireto de pessoas, coisas e fatos lembrados [...] (RAMOS, 2004. p 01)

Individual e coletivo mesclam-se, portanto, nas poesias de Bandeira e, justamente, por isso, é possível captar nos textos do poeta, as lembranças de uma das faces dos trabalhos da memória: as recordações de uma etapa de sua vida, a infância. Bandeira carrega em suas obras uma carga de narrações de grandes fatos e de muita emoção. Isso se concretiza com a frase de Barros (2004) que diz existir experiências que passamos as quais jamais esquecemos.

As poesias de Bandeira neste trabalho assumem sentido biográfico, porque concebemos que, por meio de algumas de suas obras poéticas, o autor cria narrativas de cunho biográfico. Segundo Carino (1999), as memórias, nas quais incluímos as biografias e as poesias, contém uma “instrumentalidade educativa”. Cada indivíduo é produto de sua época, do momento histórico em que viveu e de sua própria consciência. “Não se trata de instancias separadas do ser. Consciência e mundo interpenetram-se” (CARINO, 1999).

Essas reflexões indicam que cada indivíduo traz em si a consciência do mundo em que vive. Para Carino, somos produtos de duas percepções: uma interna e outra externa. A percepção interna (espiritual) trata-se da consciência, ou seja, responsável pela identidade do ser; a percepção externa (material) provém do meio, isto é, a sensação e percepção da realidade do mundo. Cada ser humano é uma unidade de vida rodeada de circunstâncias, que

se constrói nas relações físicas e espirituais. É na biografia onde se expressa a valorização independente da própria construção de espírito do indivíduo.

Mesmo o homem sendo um ser interagido ao mundo, ele tem como essência a sua individualidade, preservando sua forma única tanto dentro como fora de si. A biografia nos possibilita a reprodução de condutas alheias, como exemplo ou como se fossem originárias da própria vivência interna. É aqui que a “educação pelo exemplo”, nomeada assim por Carino, se constitui ao universo pedagógico. Não é a vida em si que interessa como objeto de estudo, mas o que essa vida nos oferece. Cada indivíduo possui certas características únicas, mas ao mesmo tempo este mesmo indivíduo pode partilhar características que sejam comuns a outros.

A biografia, como arte de narrar vidas, suga as características típicas servindo assim como uma pedagogia de exemplo que pode ser utilizada na educação. Acontece na biografia uma perfeita junção entre pessoas e acontecimentos, uma forma de exposição de um personagem tanto ao seu meio físico quanto seu meio histórico-social. É neste ponto que ocorrem circunstâncias educativas, uma delas pode ser uma biografia construída com uma intenção educativa e a outra é quando é lançada a obra, ou seja, a narrativa de uma vida sem intenção educativa.

Filloux (1960, apud Carino,1999) fala de como a vida é expressada de forma original e única em cada indivíduo, formando assim sua personalidade. Conforme Filloux (1960), “a personalidade é a configuração única assumida no discurso da história de um indivíduo pelo conjunto de sistemas responsável pelo seu comportamento”. É na biografia que se cruza essa configuração única partilhada pela individualidade de cada ser. Porém, temos que distinguir a personalidade do personagem. O personagem, para Filloux (1960), nada mais é do que a aparência que uma pessoa se atribui ao “assumir uma personalidade”.

A biografia como fonte de estudo e instrumento pedagógico deve ir mais a fundo e seguir uma busca da personalidade, que é mais ampla e mais complexa. A personalidade não é nada superficial, nem ficção, ela é única do indivíduo, embora este possa possuir traços em comum com os outros. Vale destacar que personalizar é expressar uma apropriação particular do mundo, integrar dados que são oferecidos pelo mundo. A educação vem como integradora dos fatos definidos pela sociedade, ou seja, é aprender a ser e reagir, de forma coletiva “a determinadas maneiras que servem ao meio social” (CARINO, 1999).

A importância da biografia como instrumento educativo é explícita, pois é nos exemplos de vida humana que a educação irá buscar modelos para ensinar o homem a ser formado. Além de ler obras e identificar o óbvio, é preciso ler na entrelinhas procurando desvendar as motivações que há dos relatos de vida.

A educação tem nas biografias um instrumento valioso, pois estabelece uma tensão entre o individual e o social, constituindo assim um início inesgotável de exemplificações. Estudar a vida de alguém é fazer dela um depósito de exemplos educativos, é selecionar tais reações deste alguém e segui-las como modelos para aqueles que se buscam educar. Deste modo é que analisamos as poesias de Bandeira: com conteúdos biográficos sobre a infância que viveu e como instrumento educativo para ensinar as crianças sobre a trajetória de um poeta e suas experiências de vida, na infância.

As poesias: palavras, sons, cheiros e cores...

Duas poesias de Bandeira remetem a uma fase da infância, quando ele tinha seis anos.. Em “Profundamente”, o poeta escreveu:

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?

- Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Em Porquinho-da-Índia, o poeta dá outro significado para a idade, escrevendo:

Quando eu tinha seis anos
Ganhei um porquinho-da-índia.
Que dor de coração eu tinha
Porque o bichinho só queria estar debaixo do fogão!
Levava ele pra sala
Pra os lugares mais bonitos, mais limpinhos,
Ele não se importava:
Queria era estar debaixo do fogão.
Não fazia caso nenhum das minhas ternurinhas...
- O meu porquinho-da-índia foi a minha primeira namorada.

Aos seis anos, conforme indicamos na biografia do poeta, ele vai morar no Rio de Janeiro e nas poesias, duas experiências emergem de suas narrativas, as lembranças das festas de São João, consideradas uma das festividades populares e “juninas” e do presente recebido: o porquinho-da-índia. Na primeira, “profundamente”, a experiência da infância mescla-se com a passagem do tempo e as perdas delas decorrentes, pelas mortes de pessoas próximas. Na segunda, a afetividade despertada por um presente – um animal – que pela forma como narra à experiência, revela que se tratou do primeiro animal de estimação e do teor dos presentes dados às crianças naquele tempo.

Na análise dessas lembranças dos “seis anos” é importante destacar que criança nesta etapa da vida multiplica suas experiências a partir do convívio com outras pessoas, originando assim seus pensamentos tanto em suas experiências pessoais quanto no que aprende através do meio. Nesta etapa de vida o indivíduo mantém uma relação mais estável com os adultos. A afetividade vivenciada com o outro determina o teor positivo ou negativo do que ela pensa, sente e faz. Esta afetividade está explícita em Porquinho-da-Índia e nas lembranças das festas juninas e das personagens que povoam as cenas. A criança passa efetivamente por muitos estágios de adaptação ao meio social, e as funções do seu comportamento social modificam-se intensamente (VYGOTSKY, 2001. P.278). Portanto, podemos dizer que o poeta narra suas relações de afeto com pessoas e animais.

A poesia que tematiza a história do porquinho e outras encontradas assinadas pelo poeta, as quais tem por tema a natureza, permitem dizer que Bandeira tinha um apreço muito grande com a natureza e os animais, particularmente os pássaros, que foram transformados em objetos de narrativas, conforme mostra a poesia “Andorinha”:

Andorinha Andorinha lá fora está dizendo:
- “Passei o dia à toa, à toa!”

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!
Passei a vida à toa, à toa...

Há uma sonoridade na poesia, como se pudéssemos ouvir a andorinha cantando. O autor mantinha uma forte característica em suas poesias: elas são sonoras. Em outras obras

poéticas, é possível uma aproximação com este universo dos sons, como por exemplo “Trem de Ferro”:

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virgem Maria que foi isto maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Café com pão

Voa, fumaça
Corre, cerca
Ai seu foguista
Bota fogo
Na fornalha
Que eu preciso
Muita força
Muita força
Muita força

Oô..
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pato
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
Que vontade
De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficia
Ôo...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Ôo...

Vou mimbora voou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no sertão
Sou de Ouricuri
Ôo...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...

Podemos identificar nesta poesia a maneira pela qual a experiência de vida do poeta na ferrovia foi transformada em motor para a sua escrita. Lembremos que o pai dele trabalhava na antiga Estrada de Ferro Sorocabana e que ele trabalhou por um tempo naquela empresa ferroviária. “Café com pão, café com pão”... O barulho da máquina sobre o trilho é o som que “ouvimos”. Trata-se, sem dúvida de um tipo de relato biográfico para a época em que o som da ferrovia participava da vida do menino Manuel Bandeira e de muitos outros meninos, os quais tinham vínculos com os espaços ferroviários e seus “barulhos” de apitos, das batidas das máquinas e vagões sobre os trilhos. Experiências e universos que se perderam, porque poucos são os jovens que sabem do significado e da importância que as ferrovias tiveram neste país, dos movimentos de pessoas e produtos que circulavam por seus vagões. Deste modo, poesias como essas podem e devem ser levadas para a sala de aula, para ensinar sobre história e música.

Na “Rua do sabão”, há também uma poesia com movimento:

Cai cai balão
Cai cai balão
Na Rua do Sabão!

O que custou arranjar aquele balãozinho de papel!
Quem fez foi o filho da lavadeira.
Um que trabalha na composição do jornal e tosse muito.
Comprou o papel de sêda, cortou-o com amor, compôs os gomos oblongos...
Depois ajustou o morrão de pez ao bocal de arame.

Ei-lo agora que sobe - pequena coisa tocante na escuridão do céu.
Levou tempo para criar fôlego.

Bambeava, tremia todo e mudava de côr.
A molecada da Rua do Sabão
Gritava com maldade:
Cai cai balão!

Subitamente, porém, entesou, enfunou-se e arrancou das mãos que o
tenteavam.
E foi subindo...
para longe...
serenamente...

Como se o enchesse o soprinho tísico do José.
Cai cai balão!
A molecada salteou-o com atiradeiras
assobios
apupos
pedradas.

Cai cai balão!

Um senhor advertiu que os balões são proibidos pelas posturas
municipais.

Ele foi subindo...
muito serenamente...
para muito longe...

Não caiu na Rua do Sabão.
Caiu muito longe... Caiu no mar - nas águas puras do mar alto

“Cai, cai, balão”. A leitura da poesia traz consigo a imagem e o som do balão e das crianças gritando na rua. Trata-se de uma lembrança de Bandeira em relação a sua infância. Nos dias atuais quase não vemos mais estas cenas: crianças brincando nas ruas e se divertindo em conjunto. Fica nítido aqui a diferenças entre as brincadeiras da época de infância do poeta e as brincadeiras nos dias de hoje. Muitas vezes estas brincadeiras saudáveis, porque ao ar livre, são substituídas por jogos eletrônicos e pela tecnologia, não havendo assim muitos contatos com outras crianças. Aliás, vale recordar que essa é uma das poesias que está na memória dos adultos, com os seus brinquedos e brincadeiras de infância.

A maneira como o poeta conviveu com suas recordações também foi comunicada em poesia:

“Não Sou Manuel”

Chega
Já deu
Não sou Manuel Bandeira mas vou-me embora ...

Aqui despedaço
Trituro
Remouo
Firo Junto ao sol

As lembranças também fritam
Tenho pelo menos 3 queimaduras
De terceiro grau

Sempre existiu tanta aversão pelo fogo...
Não há por que isso permitir
Ficar tanto tempo nesse calor

Volto pra onde nasci
Troco de lugar
De pele
A cor do cabelo
E o endereço

Quem sabe assim eu não consigo fugir
Das lembranças daquilo que eu tanto persegui ?

Bandeira trata das dificuldades e dores trazidas pelas recordações, as percepções de suas freqüentes trocas de endereços, de perdas de entes queridos e as mudanças trazidas pelo tempo, no corpo, constituindo-se em registros das alterações na cor do cabelo. Neste poema o autor nos mostra o seu sentimento com as situações que vivenciou. Ao mencionar as feridas legadas pelo tempo, citando três delas, talvez, ele estivesse se referindo às mortes da mãe, da irmã e do pai.

Considerações finais:

O objetivo deste trabalho foi analisar as poesias de Manuel Bandeira, como trabalhos de memória da infância, com conteúdos que permitem conhecer as experiências de um poeta e encontrar nelas um sentido de cunho pedagógico. Havia nos poemas selecionados por nós uma instrumentalidade educativa que nos ensina sobre o percurso de um personagem podendo assim, aprender algo a mais sobre a poesia e a infância. Diante as narrativas do poeta

foi possível identificar fragmentos que nos permitem extrair conhecimentos e ensinamentos sobre a infância, configuradas em torno da poesia.

Por meio de sua poesia, Bandeira também ensina nossas crianças que para se tornar um poeta é preciso ter um olhar focalizado para as pequenas coisas da vida cotidiana porque a poesia está nos pequenos detalhes, na natureza, no contato com o mundo e suas pessoas, com os espaços, com os brinquedos e brincadeiras infantis.

É neste sentido que a leitura das poesias de Bandeira nos levou a conhecer lugares, permitindo enxergar e ouvir sons sem que saíssemos do lugar. Notamos que o poeta nos mostra a criança com um ser sempre rodeado de experiências que fazem parte da vida e das transformações destes indivíduos.

Por meio deste trabalho pudemos identificar e refletir acerca das potencialidades das poesias memorialísticas para ensinar as crianças sobre brinquedos, brincadeiras, espaços, festas e lutos. Assim definimos Manuel Bandeira: um poeta vibrante, com palavras que se movimentam no ar e no chão, com sons, cheiros, formas.... Foi prazeroso conhecê-lo um pouco mais...

Referências:

BARROS, Daniela Martí. **A memória.** Reportagens. Memória. 2004. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/15.shtml>>. Acesso em: 6 fev. 2010.

CARINO, Jonaedson. **A biografia e sua instrumentalidade educativa.** Educação e Sociedade. Campinas Ago. 1999. v. 20. n. 67. SciELO Brasil - Scientific Electronic Library Onlyne. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid=S0101-73301999000200006>>. Acesso em 09 mai. 2010

HELENE, André F.; XAVIER, Gilberto F. **Como as memórias criam a personalidade.** Reportagens, Memória, 2004. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/memoria/14.shtml>>. Acesso em: 10 jun. 2010.

MANUEL BANDEIRA. **Releituras.** Disponível em: <www.releituras.com/mbandeira_bio.asp>. Acesso em: ago.2010.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Tradução de José Laurenio de Melo e Suzana Menescal. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2007.